Eduardo dos Santos de Oliveira Braga
Fernanda Paixão de Souza Gouveia
Marluce dos Santos
Ruth dos Santos Baracho de Moura

VERSOS DA MEMÓRIA E DIVERSOS MOVIMENTOS

RELEITURAS E REINTERPRETAÇÕES DOS "POEMAS DA RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS" DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Coleção:
ESCREVIVÊNCIAS NA EJA
Volume 2

EDITORA METRICS

Eduardo dos Santos de Oliveira Braga
Fernanda Paixão de Souza Gouveia
Marluce dos Santos
Ruth dos Santos Baracho de Moura

VERSOS DA MEMÓRIA E DIVERSOS MOVIMENTOS

RELEITURAS E REINTERPRETAÇÕES DOS "POEMAS DA RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS" DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Coleção:
ESCREVIVÊNCIAS NA EJA

Volume 2

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2024

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0

Revisão: Os autores
Capa: Freepik

CATALOGAÇÃO NA FONTE

A163 Versos da memória e diversos movimentos [recurso eletrônico] : releituras e reinterpretações dos "poemas da recordação e outros movimentos" de Conceição Evaristo / Eduardo dos Santos de Oliveira Braga ... [et al.]. - Santo Ângelo : Metrics, 2024.
94 p. - (Escrevivências na EJA; 2)

ISBN 978-65-5397-174-5
DOI 10.46550/978-65-5397-174-5

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Rodas de leitura. 3. Evaristo, Conceição, 1946- I. Braga, Eduardo dos Santos de Oliveira

CDU: 374.7

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: editora.metrics@gmail.com

https://editorametrics.com.br

Conselho Editorial

Dr. Charley Teixeira Chaves	PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dra. Cleusa Inês Ziesmann	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Douglas Verbicaro Soares	UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
Dr. Eder John Scheid	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Fernando de Oliveira Leão	IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dra. Helena Maria Ferreira	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana	UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Jenerton Arlan Schütz	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Jorge Luis Ordelin Font	CIESS, Cidade do México, México
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr. Manuel Becerra Ramirez	UNAM, Cidade do México, México
Dr. Marcio Doro	USJT, São Paulo, SP, Brasil
Dr. Marcio Flávio Ruaro	IFPR, Palmas, PR, Brasil
Dr. Marco Antônio Franco do Amaral	IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil
Dra. Marta Carolina Gimenez Pereira	UFBA, Salvador, BA, Brasil
Dra. Mércia Cardoso de Souza	ESMEC, Fortaleza, CE, Brasil
Dr. Milton César Gerhardt	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Muriel Figueredo Franco	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Ramon de Freitas Santos	IFTO, Araguaína, TO, Brasil
Dr. Rafael J. Pérez Miranda	UAM, Cidade do México, México
Dr. Regilson Maciel Borges	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Ricardo Luis dos Santos	IFRS, Vacaria, RS, Brasil
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dra. Vanessa Rocha Ferreira	CESUPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil
Dra. Waldimeiry Corrêa da Silva	ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

Sumário

Sobre a Coleção 11

Sobre a Logo 13

Sobre este livro 17

Bloco 1: Vozes da Resistência e Herança Cultural 19

Bloco 2: Memória e Luta Afrodescendente 33

Bloco 3: Ciclos do Tempo e da Identidade Feminina 43

Bloco 4: Persistência e Esperança na Adversidade..... 55

Bloco 5: Faces da Identidade Feminina..... 67

Bloco 6: Identidade, Mudança e Pertencimento..... 79

Ampliando horizontes na EJA: a importância dos temas abordados por Conceição Evaristo 89

Referência 91

Sobre os autores..... 93

Sobre a Coleção

A coleção "Escrevivências na EJA" é fruto do projeto intitulado de "Diálogos entre as experiências da Educação de Jovens e Adultos no IFRJ e a escrevivência", uma iniciativa aprovada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), com fomento da própria Instituição e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenada por Fernanda Paixão de Souza Gouveia e Eduardo dos Santos de Oliveira Braga. Inspirados em Conceição Evaristo, renomada escritora e voz proeminente da literatura negro-brasileira de resistência, esta coleção de livros se propõe a ecoar as vozes e tornar visíveis as experiências únicas vivenciadas pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Pretende-se ser uma coleção contínua, com cada volume construído para explorar as histórias pessoais, a criatividade e a resiliência dos trabalhadores estudantes jovens e adultos que estão trilhando o caminho da educação. Com um enfoque especial nas perspectivas africanas e afrodescendentes, aqui reverenciadas pelas trajetórias, especialmente de mulheres negras da EJA, as páginas desses livros se tornam um palco onde as vivências encontram espaço para florescer.

Ao celebrar a rica herança cultural africana e afrodescendente, a Coleção "Escrevivências na EJA" reconhece a importância de honrar as raízes enquanto se busca crescimento e desenvolvimento. As palavras ganham vida nas mãos dos autores destes volumes, trazendo à tona a complexidade das jornadas individuais e coletivas, dos desafios superados e das conquistas alcançadas.

Este projeto, para nós, audacioso e inspirador, nasce do desejo de ampliar horizontes educacionais, estimular a emancipação social através da expressão criativa e, acima de tudo, ecoar as vozes dos sujeitos da EJA. A coleção não apenas homenageia Conceição Evaristo como também segue seus passos, inspirando-se em sua coragem de abordar questões sociais e culturais por meio da literatura.

Em última análise, a coleção "Escrevivências na EJA" é mais do que uma série contínua de livros; é uma jornada de (auto)conhecimento, transformação e celebração da diversidade humana. Ao trazer à luz as histórias muitas vezes esquecidas ou silenciadas, ela se torna um farol de esperança, iluminando o poder da educação e da expressão como recursos de mudança e justiça social.

Sobre a Logo

A Logo do projeto de pesquisa, de autoria do designer Renato Paixão, estará presente em toda a coleção "Escrevivências na EJA", transmitindo uma imagem de grande significado e carregada de simbolismo. A representação de uma árvore, cujo tronco se metamorfoseia em uma mulher enraizada na terra, evoca uma metáfora profunda com múltiplas camadas de significado, fincada em associações culturais e africanas. Além disso, a inclusão das folhas circundando a cabeça da mulher adiciona um grau de complexidade e profundidade à mensagem simbólica como um todo.

A árvore, um símbolo de crescimento, conexão e sustentação, adquire uma nova dimensão ao incorporar a figura da mulher. A mulher enraizada na terra evoca uma relação

intrínseca com as raízes culturais e ancestrais. Ela parece fundida com a própria terra, uma simbiose que sugere uma ligação profunda com a natureza e com as raízes de sua história.

As folhas ao redor da cabeça da mulher adicionam um toque de elevação. Essa imagem lembra coroas de flores usadas em muitas culturas como símbolo de celebração, honra e conexão com o divino. Aqui, as folhas parecem representar não apenas a beleza, mas também a força interior e a sabedoria que emana da mulher enraizada. A relação entre as folhas e a cabeça também pode aludir à noção de ideias florescendo e conhecimento expandindo, redescobrimento de suas próprias raízes que se emanam em raízes outras.

No conjunto, a Logo capta a essência da jornada contada no livro. Ela fala da ligação profunda entre as vivências das mulheres negras da EJA e suas raízes culturais, enquanto também celebra sua força, resiliência e crescimento pessoal. Além disso, a imagem evoca uma atmosfera de unidade entre a natureza, a ancestralidade e a expressão humana. A Logo, como um todo, cria uma imagem visual poderosa que instiga reflexões sobre identidade, conexão e o poder da educação e da expressão para nos enriquecer e nos elevar.

Essa análise oferece uma possível interpretação da Logo, entretanto, a essência reside na capacidade de permitir que uma miríade de significados possa emergir por meio do olhar, das vivências e das experiências únicas de cada leitora e cada leitor. Cada indivíduo, com sua bagagem pessoal e perspectiva cultural, é convidado a explorar e extrair novas camadas de sentido, transformando a imagem em um espelho multifacetado das suas próprias jornadas e compreensões.

Nesse sentido, gostaríamos de expressar o nosso

agradecimento ao querido Renato Paixão, que não apenas captou de maneira magistral a essência do nosso projeto, mas também deu vida a essa Logo de forma tão eloquente. Sua interpretação sensível e habilidosa trouxe à luz as intenções e valores que fundamentam nossas narrativas, e por isso, sua contribuição é digna de reconhecimento. Agradecemos a todos aqueles que se envolveram e colaboraram para que esse símbolo carregado de significado se tornasse uma realidade palpável, convidando à reflexão, à conexão e ao diálogo.

Sobre este livro

Este livro, intitulado "Versos da Memória e Diversos Movimentos: Releituras e Reinterpretações dos 'Poemas da Recordação e Outros Movimentos' de Conceição Evaristo" é uma obra didática concebida para enriquecer a experiência de aprendizado dos trabalhadores estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Seu principal objetivo é proporcionar uma abordagem única e estimulante aos poemas da autora brasileira Conceição Evaristo, ao mesmo tempo que reverbera as vozes às interpretações e reinterpretações dos estudantes.

Este livro é estruturado de maneira a compreender e a apreciar a poesia de Conceição Evaristo, por meio da expressão criativa dos trabalhadores estudantes da EJA. Ele é dividido em seis blocos, cada um contendo três poemas selecionados da obra original de Evaristo. Cada bloco é seguido por uma série de releituras e reinterpretações elaboradas pelos estudantes da EJA, a partir das escrevivências oportunizadas pelas pesquisas realizadas pelos autores.

Cada bloco do livro se configura como uma "Roda de Conceição", um conceito que se originou de nosso projeto de pesquisa apresentado no primeiro livro da coleção "Escrevivências na EJA". Essas "Rodas de Conceição" são encontros inclusivos entre estudantes da EJA, outros estudantes, professores e o público em geral, onde se promove a leitura, releitura e interpretação dos escritos de Conceição Evaristo. Cada bloco de poemas é acompanhado por uma ficha que auxilia os estudantes na criação de suas próprias "escrevivências", incentivando a escrita criativa

e a reflexão sobre as mensagens e emoções compartilhadas pelos versos de Conceição Evaristo.

Nesse ambiente colaborativo e participativo, as atividades propostas estimulam um diálogo mais profundo sobre os temas abordados nos versos da autora, ao mesmo tempo em que incentivam os estudantes a compartilharem suas próprias experiências e perspectivas. É uma oportunidade única de enriquecimento cultural e troca de ideias, tornando o processo de aprendizado ainda mais significativo.

Assim, "Versos da Memória e Diversos Movimentos" não apenas se revela como um recurso para educadores, mas também como um livro voltado diretamente para os estudantes da EJA. Ele promove uma abordagem para a compreensão da poesia, incentivando a participação ativa dos trabalhadores estudantes jovens e adultos na construção de significados e na expressão de suas próprias vozes criativas. Dessa forma, não apenas os professores, mas também os estudantes da EJA encontrarão nessa obra uma oportunidade de envolvimento com a poesia e a literatura. Enfim, esse livro 2 da coleção "Caminhos da Matemática na EJA" é um convite para novas escrevivências.

Bloco 1: Vozes da Resistência e Herança Cultural

Poemas: Vozes-mulheres (Evaristo, 2008, p. 24), Poema de Natal (Evaristo, 2008, p. 61) e Do jovem ao velho (Evaristo, 2008, p. 88).

Os três poemas compartilham uma temática comum de resiliência, resistência e herança cultural ao longo das gerações. Eles retratam a jornada das mulheres e das pessoas expropriadas ao longo do tempo.

No primeiro poema, "Vozes-Mulheres", as vozes de várias gerações de mulheres são descritas, desde a bisavó até a filha, cada uma enfrentando desafios e opressões diferentes, mas todas contribuindo para uma narrativa de luta e esperança. A voz da filha é apresentada como a que reúne e representa todas as vozes do passado e do presente.

No segundo poema, "Poema de Natal", o foco é na injustiça e na desigualdade social que persistem, especialmente durante a temporada de Natal, período cujo sentido cristão exige a solidariedade e doação das pessoas. O poema destaca como a preocupação com o próximo e a empatia podem ser esquecidas em meio ao esbanjamento e à festividade. Ele encoraja as pessoas a agirem de maneira benevolente, demonstrando calor e compaixão ao longo de todo o ano, não se limitando apenas ao período do Natal.

No terceiro poema, "Do velho ao jovem", a importância da transmissão de histórias e experiências entre as gerações é

destacada. Tanto o velho quanto o jovem têm histórias para contar e lições a aprender uns com os outros. O rap é mencionado como uma forma de eternizar as palavras da liberdade e da resistência, unindo diferentes histórias e culturas.

Os três poemas falam sobre a herança da luta, a empatia e a importância de compartilhar histórias para inspirar mudanças positivas ao longo das gerações. Eles ecoam a ideia de que a voz e a experiência das pessoas podem ser poderosos recursos para a transformação social e o entendimento mútuo.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Vozes-mulheres

Cânticos da Herança Feminina

A voz interior que não cala
E muita das vezes se mostra embargada nas lembranças de uma infância roubada

A voz de minha avó
Também traz lembranças amargas
de um tempo marcado por sofrimento e dor
Na voz de comando dos brancos
Numa língua chicote com som de pavor

A voz de minha mãe continuou ecoando estremecida
Entre um afazer e outro
Nos serviços gerais, em casa de branco
Pensa...
É…Talvez não sejamos iguais

A lembrança do chicote que corta a carne
E que arrebenta, ainda reflete em minha alma sangrenta
nas lembranças que trago da minha bisavó

A voz de minha filha
Que clama por nós
Vem unindo as forças

Daqueles que antes gemiam
Sem o direito de um canto pra chorar
Isso é privilégio de branco!
Negro não sente!
Negro nem sabe pensar!

A voz de minha filha
No seu trato vocal
Ecoa no mundo
De forma geral, é a fala calada de muitos dos meus ancestrais
Que ganham forças e mais alta se faz

A voz de minha filha
Engasgada dentro de si
Grudada nas cordas vocais
Se faz ouvir

Acordando
Panteras negras, George Floyd e outros mais
E o nosso bravo Luther King
Enfim, a esperança nova se faz

Tantas vozes se faz ouvir
Marielle também grita!

Esse grito de minha filha
Que vem desde muitos…
Filha que atende por nome
Esperança, Liberdade e Paz!

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Vozes-mulheres

A mãe, a avó, a bisavó e tantas outras foram escravizadas!
Tinham que trabalhar e se submeter aos ordenados brancos.
Em nada podiam opinar.
Perderam a infância... a juventude... a vida.

A filha luta para não mais ser escravizada.
Tanto que ela estuda e hoje lembra e reverencia os seus ancestrais.
A filha luta por aqueles que no passado foram retirados do seu país de origem.
A filha luta por aqueles tratados como mercadorias.
A voz da filha fala
A voz grita
A voz clama liberdade, justiça e paz!

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Poema de Natal

Frio-Fome

O frio assola a todos
Nos becos, nos condomínios
Nos palácios, nas favelas
Nos palácios também faz frio

Na solidão do vazio prato
Quando alguns esbanjam e sobejam tudo
Existe um esperançar de outros
Pelo socorro e o alívio da miséria
Enquanto o cálice do outro transborda
O frio no Natal é o ano inteiro
Não apenas em dezembro

A fome não espera dezembro
O frio do menino
E do outro menino

Mas o frio do menino
Tem que esperar até dezembro
Quando nos aquecemos

Como deuses também podemos produzir milagres
Acabando com o frio e a fome do menino e do outro menino

Nasça Jesus todos os dias em nós
E essa chama do calor que em nós habita
Venha maravilhar o mundo
Aquecendo o frio da pele, da alma e do estômago vazio
Que venha justiça e igualdade
Não vamos esperar dezembro
Para matarmos o frio-fome do menino
e do outro menino

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Poema de Natal

Fome física
Aquelas pessoas que vivem em ruas, becos, embaixo de pontes, abrigos.
O responsável pela família perde o emprego
Eles sentem frio, alguns morrem por descaso.
O sangue e o corpo de Cristo... essas pessoas não têm chance de comungar.

Fome espiritual
É das pessoas ricas que vivem um vazio
Solidão interior
Tem tudo do bom e do melhor, mas, ainda está faltando algo
Ausências
E para se sentirem menos ruins, final do ano, faz caridade aos pobres, aos menos favorecidos.

Só que as doações são o ano inteiro , sem desculpa da religiosidade.
O Jesus nasceu na Manjedoura, mas todos temos o direito de ter residência e salário digno para sustentar a família.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Do velho ao jovem

Ligações Geracionais

As rugas e as marcas do tempo
Não mentem
Nos contam histórias da vida
Na cartilha do viver

Nas cicatrizes que o tempo desenhou
Ficaram tombadas assim:
Histórias
Do meu vô, meu bisavô, meu tataravô

Em contrapartida
Onde o jovem deslumbrado
Com tudo a sua frente
Fica maravilhado ao olhar o seu passado no seu presente

E a dúvida:
Meu futuro, como vai ser?
Meus antecessores deixaram marcas na história
São degraus que vou subir
E assim desenvolver

No passado, lá trás,
Um pouquinho distante

As marcas das mãos calejadas
Da lida do trabalho braçal

Num tempo em que o tempo imperava
E tudo se esperava
O fruto amadurecia tanto
Que seu doce até enjoava
Mas tudo esperava pelo retoque final

O jovem lê a história de outrora
O jovem se lê na história
O jovem lê a história de todos nós

Esse jovem carregado de demandas
Com matérias presas nessas histórias
Que para segurar são poucas as mãos

Hoje não se perde (mais) tempo
O rap nos conta bem isso
Temos pressa pra tudo
E tudo tem tempo contado
Tudo logo passa
Perdendo a validade

Nessas informações prensadas
nas cicatrizes de nossas mãos
Se fundem dizendo tudo
Até que o tempo se encarregue de não dizer mais nada

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Do velho ao jovem

O velho conta as histórias da vida dele para o jovem:
família, amigos, trabalhos... como conseguiu sobreviver!

O jovem pensa muita coisa ao mesmo tempo
O mais importante é o agora!

Juntos, com as mãos entrelaçadas do velho e do jovem, as rugas falam por si.

No universo da música, o rap fala da história que os livros não contam!
Já as pessoas... essas falam através da música, da dança, da pintura, dos cortes de cabelos, do silêncio... é uma forma da comunidade mostrar e estar presente na sociedade!

Ficha do bloco 1: Vozes da Resistência e Herança Cultural

Descreva uma frase ou pequeno texto sobre a sua compreensão desse bloco.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

Faça uma imagem, desenho ou símbolo que expresse o bloco.

O que é resistência para você?

_____
_____
_____
_____
_____

O que é herança cultural para você?

_____

_____

_____

_____

_____

Como esse bloco dialoga com a sua história?

_____

_____

_____

_____

_____

Bloco 2: Memória e Luta Afrodescendente

Poemas: Filhos na rua (Evaristo, 2008, p. 16), Certidão de óbito (Evaristo, 2008, p. 17) e Favela (Evaristo, 2008, p. 45).

Os três poemas compartilham uma forte ligação com a história, a memória e a luta contra a opressão, especialmente em relação à experiência negra nas periferias.

No primeiro poema, "Filhos na Rua", a voz do poeta expressa um profundo "banzo" ou saudade, que ressurge dele, conectando-o às raízes africanas. A dor da escravidão e da separação é revisitada, especialmente na imagem da mulher da aldeia que clama por seus filhos dispersos pelas ruas. O poema aborda a perda da conexão com a terra natal e a necessidade de recuperar essa conexão, tanto física quanto emocionalmente.

No segundo poema, "Certidão de Óbito", a narrativa se concentra na memória coletiva e na importância de honrar os antepassados que sofreram e morreram nas mãos da opressão. Os ossos dos antepassados simbolizam a carga histórica de dor e sofrimento que continua a afetar a comunidade. O poema também destaca a violência racial contemporânea, enfatizando que a certidão de óbito para muitos negros parece ter sido preenchida desde os tempos dos navios negreiros.

No terceiro poema, "Favela", a realidade da vida nas favelas é retratada de maneira crua. Os barracos servem como sentinelas noturnas em uma luta constante pela sobrevivência.

A violência é uma presença constante, com balas que "derretem corpos no ar". O poema captura a urgência e a precariedade da vida nas favelas, bem como a resistência e a resiliência das pessoas que vivem lá.

Os três poemas abordam as complexas interações entre passado e presente, memória e luta, e a persistência das questões raciais e sociais em comunidades afrodescendentes. Eles evocam um senso de consciência histórica e urgência para enfrentar e superar as injustiças que têm raízes profundas na história.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Filhos na rua

Senzalas de minh'alma

As lembranças renascem
na verdade, elas não se foram
As marcas estão por todo canto
Elas ainda doem e gritam
Doem na minha pele
Quando as vejo nos queloides de meu corpo

Durmo num canto
Onde o cheiro de excremento
Se mistura com meu pranto
E o suor da minha pele sangra
Dilacerada pela fúria dos brancos

Dói meu ego!
A dor da prisão se confunde
Com a dor da escravidão

Tenho gerado filhos
Filhos de meu ventre
Filhos da minha Terra
Filhos nascidos e já penalizados
E o arrependimento de uma mãe que gera
Na certeza de um futuro que se arrasta
Arrastando correntes nas senzalas de minh'alma

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Filhos na rua

O sofrimento, a dor, o pensamento de tudo do momento
E a tristeza sentida pelos filhos perdidos, espalhados, esparramados e, por muitos, até esquecidos

Perdidos estão os filhos do meu ventre...
e do ventre dos meus ventres...
Levados, sem nosso desejo, para onde não mais podemos os sentires
Filhos na rua!

Não mais vivemos, mas sobrevivemos a tudo o que nos aconteceu
E conosco ficam as lembranças das dores sentidas
Dos momentos vividos
Que em nós acendem o desejo de um dia retornar tudo o que nos foi roubado!

Na possibilidade da volta, do retorno...
Poder viver o cuidado e reviver a esperança dos filhos espalhados na rua.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Certidão de óbito

Corda-bamba

Como se removem na tumba
Os ossos de nossos-antes
Que já choravam nosso hoje-pranto
Dentro dessas lágrimas, sentimentos
E de infinito perenal

Como errar o alvo?
De quem já vem marcado desde antes?

A bala é certa
A bala corre e percorre caminhos marcados
Ela conhece seus pontos, seu local
E se instala!

A vida é uma corda bamba
Onde qualquer descuido se tomba
Um corpo negro balança e dança
Caindo, entre as valas abertas no quintal

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Certidão de óbito

A cada passo, passo a passo, refaço os passos daqueles que passaram...
Passaram e deixaram em cada vala o registro de mais um...
Mais um Silva, mais um Santos... mais um Souza.... mais um Souza e Santos
Mais um pobre, mais um morro, mais um preto!
O endereço é certo!

Tá consumado!
Tá registrado!
Na verdade, tá abatido!
A bala não me erra!

Tonteio... bambeio... danço!
Danço eu, dança você na dança da pretidão.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Favela

Balas no ar

O trajeto é inadequado e duvidoso
Um caminho inseguro e hostil
Onde o perigo ronda em toda parte
A paz é incerta!
Nos barracos, quem dorme?
Não há como relaxar onde o perigo é constante

Moradores em sentinela
Tudo pode acontecer nesse labirinto
As balas perdidas
atravessam o ar dilacerando vidas
Que agora corpos estirados

A terra é molhada de sangue
Jovens corpos sem madurar tombam
na droga de sua existência viciada
Dessa vida roubada
Da morte vivida
Nessa tão pouca vida desfrutada

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Favela

Cortiços, pedreiras, morros, vigilantes dia e noite...
Ruas estreitas, corpos mortos, mães que choram...
Vizinhos, velórios, embriaguez...
A lei do silêncio, ninguém fala…
"não sei, não conheço"
Lugar onde a bala perdida sempre encontra um corpo negro...
e se perdem na escuridão

Ficha do bloco 2: Memória e luta do povo preto

Descreva uma frase ou pequeno texto sobre a sua compreensão desse bloco.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

Faça uma imagem, desenho ou símbolo que expresse o bloco.

O que é memória para você?

_____
_____
_____
_____
_____

O que é luta negra para você?

_____

_____

_____

_____

_____

Como esse bloco dialoga com a sua história?

_____

_____

_____

_____

_____

Bloco 3: Ciclos do Tempo e da Identidade Feminina

Poemas: Meia lágrima (Evaristo, 2008, p. 82), Da velha à menina (Evaristo, 2008, p. 86) e Na mulher, o tempo (Evaristo, 2008, p. 38).

Os três poemas estão unidos por temas que exploram a passagem do tempo e a identidade, com um foco particular na experiência feminina e na interconexão das gerações.

No primeiro poema, "Meia Lágrima", o eu lírico expressa a ideia de que mesmo com as limitações físicas, como a perda da visão e da fala, ainda é capaz de transmitir emoções e memórias profundas. O poema sugere que mesmo as lágrimas pela metade ou a voz reduzida podem conter a totalidade de sentimentos e histórias que resistem ao tempo.

No segundo poema, "Da Velha à Menina", a narrativa gira em torno da relação entre uma jovem mulher e uma velha mulher. O poema evoca a ideia de que o tempo é cíclico e que, à medida que envelhecemos, podemos também retornar à inocência e à visão mais clara da infância. A velha representa a experiência e a sabedoria, enquanto a menina simboliza a renovação e a capacidade de ver a vida com olhos novos.

No terceiro poema, "Na Mulher, o Tempo", a mulher é retratada como alguém que observa sua própria evolução ao longo do tempo, aceitando as marcas que a vida deixou em sua pele e alma. Ela reconhece a força que vem com a idade e

vê a si mesma como a guardiã do tempo, capaz de transmitir sua sabedoria e experiência para as gerações futuras. O poema celebra a complexidade e a beleza da jornada de uma mulher ao longo do tempo.

Os três poemas se unem em uma exploração poética da passagem do tempo, da continuidade das gerações e da riqueza da experiência feminina. Eles destacam a capacidade das mulheres de preservar memórias e transmitir sabedoria ao longo das eras, apesar das mudanças físicas e do envelhecimento.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Meia lágrima

Mil gritos

A faculdade da vida
Me ajuda assimilar
Nasci com sentidos
Para os administrar

O movimento do corpo
Com variadas expressões
As lágrimas também falam
Vem encarregadas de informações

As lágrimas são temperadas
Se misturam de doce e sal
Meia gota me basta
Para captar qualquer mal

A leitura da alma
Se interpreta no olhar
se for bom entendedor
Consegue logo decifrar
O que está no interior
Nem precisa pronunciar

O soluço engasgado
Me conta o abecedário
De um mal não resolvido
Que ficam bem direcionados
nas conchas dos meus ouvidos

Dentro de um olhar
Tem mais palavras
Que mil gritos!!!

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Meia lágrima

Meia lágrima grita e implode em minhas entranhas...
Outra meia lágrima cai e se une a tantas outras que juntas formam um oceano de ossos!
Ossos secos que se debatem...

A cada meia lágrima que se junta a esse oceano de ossos, uma nova história é escrita, uma nova força é acrescentada ao interminável ciclo de renascimento.

Os ossos secos continuam a lutar, a contar sua história, a gritar em silêncio contra a passagem inexorável do tempo.
E assim, eles persistem, como guardiões de memórias e testemunhas da eternidade.
Passem de longe, outra meia lágrima voltou a brotar...

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Da velha a menina

Bate papo, coisa e tal

Houve um tempo na história
Quanto aperto se passava
Viajando nas memórias (as histórias)
Que nossos avós contavam

Passavam por privações
Que narrando minha mãe
No seu jeito de expressar
Cozinhavam mandioca
Na fogueira do quintal
E ali, virava em prosa,
Um bate-papo, coisa e tal

E a fome se ajeitava
Com as brincadeiras nas brasas
Que sobravam do fogueiral
A vida passava a cores
Nos olhos de todo o povo
Quando se ouvia as histórias
Contadas todas de novo

E assim passavam horas
Escutando as histórias

Porque a maior riqueza
Revelada na pobreza
Mais se ri do que se chora!

Houve um tempo na história
Quando menino-criança
Na inocência da infância
Se fartavam com os banquetes

Farofa de fubá
Batata-doce na brasa
E as risadas inesquecíveis
Dadas pela criançada

A vida passava a cores
Dava gosto de se ouvir
Gravadas estão na memória
As histórias contadas ali
Os contos que se diziam
Não importa se repetir
Porque o bom daquela festa
Era estar junto e dividir

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Da velha a menina

A mãe a tem nos braços
Brinca
Acompanha seu crescimento
A leva para a escola...

No descompasso da vida, experimenta os variados sabores da existência.
Tristeza, alegria, choro, sorriso, lágrimas, dores... prato de sabedoria!

À medida que o tempo avança, a mãe envelhece.
A filha assume um outro papel.
Agora, o presente se entrelaça com o futuro, enquanto a mãe representa o passado que se desdobra de forma cíclica.

A mãe, agora mais velha, enxerga a si mesma nos olhos da filha.
A filha, segurando a mão enrugada da mãe, torna-se uma ponte entre gerações.
Nesse intricado ciclo da vida, a filha não apenas testemunha, mas também vivencia as histórias que ecoam nas lembranças da infância da mãe.

A visão da menina é a figura materna.
A visão materna é a figura da menina.
Menina-mãe.
Mãe-menina.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Na mulher, o tempo

Espelho do tempo

A mulher mirou-se no espelho do tempo
Nesse tempo que não para
Nos miramos no espelho
O espelho da vida

O corpo me mostra marcas e a minha localização nessa estrada
Avante prossigo!
Gerando vidas de vez por vez
E assim nessa roda gira
O sumo da vida se refaz a cada dia
Trazendo outra vida
E outra vida se faz

A mulher se vê no espelho do tempo
Se regozija no templo acariciado de bebê
eternizando outros mais

Nesse corpo transformado
Com sinais revelados da maturação
O útero ninho acolhe a fecundação
e o templo mulher se desfaz de si
E de si, abre mão

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Na mulher, o tempo

De frente ao espelho, vejo aquela jovem linda de pele macia, juventude
Sem medo de nada... beleza pura
O tempo marca rugas, flacidez, estrias, varizes...
Corpo-mulher passa por várias transformações
Mas isso não importa

Mulher é estrela, lua, sol, chuva e vento
Independentemente da idade e do corpo de cada uma
Suas lágrimas são águas correntes, rios, cachoeiras e beleza natural.

Ficha do bloco 3: Ciclos do Tempo e da Identidade Feminina

Descreva uma frase ou pequeno texto sobre a sua compreensão desse bloco.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

Faça uma imagem, desenho ou símbolo que expresse o bloco.

O que é identidade feminina para você? Como ela se constrói?

_____
_____
_____
_____
_____

Busque na memória nomes de importantes mulheres que te ajudaram a forjar a sua identidade.

_____
_____
_____
_____
_____

Como esse bloco dialoga com a sua história?

_____
_____
_____
_____
_____

Bloco 4: Persistência e Esperança na Adversidade

Poemas: Todas as manhãs (Evaristo, 2008, p. 13), Os sonhos (Evaristo, 2008, p. 14) e Pau, pedra, espinho e grade (Evaristo, 2008, p. 60).

Os três poemas compartilham uma conexão temática que se concentra na persistência, na resiliência e na esperança em face da adversidade e da luta por uma vida melhor.

No primeiro poema, "Todas as Manhãs", o eu lírico expressa a ideia de que todas as manhãs começa um novo dia de trabalho árduo, onde cavam torrões de terra para recuperar a esperança que foi roubada de outros. A voz-banzo, uma referência à memória coletiva, é uma âncora que mantém viva a história e a luta das pessoas. Os sonhos são vistos como sementes que, quando regadas com lágrimas, fertilizam a terra da resistência, gerando esperança.

No segundo poema, "Os Sonhos", os sonhos são inicialmente representados como algo que foi corroído e destruído pela miséria e pelo sofrimento. No entanto, a esperança persiste através das crianças que ressuscitam a vida brincando nas correntezas. Isso simboliza a capacidade das gerações futuras de revitalizar os sonhos e transformá-los em uma força poderosa para criar um mundo melhor.

No terceiro poema, "Pau, Pedra, Espinho e Grade", a pedra é apresentada como um obstáculo no caminho da vida. No entanto, o eu lírico não recua diante desse desafio e continua

avançando com esperança e coragem. As pedras, paus, espinhos e grades são todos obstáculos na jornada, mas eles não são perdidos; em vez disso, eles adubam a vida e multiplicam os motivos para continuar a luta.

Os três poemas unem-se em uma mensagem de resistência, persistência e renovação da esperança, mesmo em face das dificuldades. Eles celebram a força da comunidade, a memória coletiva e a capacidade de transformar adversidades em oportunidades para um futuro melhor.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Todas as manhãs

Renascendo a esperança

Me pego mais uma vez a roer as unhas de forma frenética
Como sempre estou a sonhar acordada
Enquanto as asas estão pequenas e não me permitem voar
Vou continuar sonhando

Acredito em mudanças
Existem sonhos e esperanças roubadas que vão acordar e despertar para um novo

Sinto uma brisa do ar
E o frescor do amanhecer renovando as forças a cada dia

A tristeza é uma visita constante
Das lembranças dos navios negreiros
Meus pensamentos me conduzem ao passado
E me deixam com olhos marejados
As lembranças me vêm como espinhos

A viagem que faço no interior de minh'alma
Não é confortável!
As janelas estão fechadas!

Prossigo viajando em meus pensamentos
Na tentativa de encontrar vida e ar
As lágrimas e gemidos
Estão na terra curtidos
Fertilizando o solo
Onde sementes brotando
Acende um brasão em cada um de nós

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Todas as manhãs

Todas as manhãs era escravizada
Conviveu e presenciou toda tristeza que um ser humano poderia passar e viver.
Apanhava!
Os irmãos trabalhavam em sol e chuva.
Dormiam todos juntos sem direito a nada!
E essa pessoa trabalhava direto na lavoura
E ainda cavava a cova para aqueles irmãos que não aguentavam mais as pancadas e morriam.
Ficava tudo ali no chão!

Não dormem
Diversos traumas.... as dores nas mãos e nos braços era companhias para a tristeza durante a noite.

As escravizadas, pondo roupas nas cordas...
As crianças, em posse do navio negreiro...
Na lembrança de tudo isso, ela pensa "como alguém conseguiria dormir em situações como essa?".

A terra fértil para os seus senhores, marcada pelas dores dos escravizados.
Marcada pelas suas lágrimas, pelo seu suor, pelo seu sangue...
Marcada por mortes que adubam a Terra e mais riqueza trazem aos senhores.

Está tudo registrado na memória dela, inclusive a esperança por dias melhores.

E por mais que isso pareça ser do passado, falamos de muitas Marias do presente!

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Os sonhos

Mais um na produção

O homem se perdeu no tempo
Se encheu de indiferenças
Existe uma necessidade de se esvaziar e voltar a ser humano
Se permitindo, outra vez, nascer
Na força de uma criança
Que mesmo em suas misérias
Acreditam e esperam sem duvidar
E enxergam de forma intensa
Na provisão-milagre que virá

Nesse mistério da inocência-criança
A sofreguidão que impulsiona
Na magia que ensina
Sem dizer nada!
Falam e insistem
Na sua voz, silêncio!
Induzindo a lançar a rede novamente
Outra vez, e uma vez mais

Nesse choro-fome
Seu tutor vai à luta pelo pão
Sua infância é perdida
E seu sono roubado pela obrigação
Da pressa de crescer
e ser mais um na produção

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Os sonhos

Os sonhos, de tantas tristezas, foram apagados.
Sonhos desenhados com todo o talento... a correnteza levou.
Foi embora, deixando um vazio.

Num devaneio, retornei à lembrança da infância,
onde a brisa do mar acariciava meu rosto enquanto brincava à sua beira.
Dormi um sono sedento.
Nutrido pela fome incessante de sonhar.

Contudo, mesmo diante da cruel dissipação dos sonhos,
persiste uma centelha de esperança que anseia ser reavivada.
Pois, como uma maré inconstante, a vida pode trazer de volta os fragmentos perdidos,
trazendo consigo novas oportunidades de sonhar.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Pau, pedra, espinho e grade

Jogador

O impedimento no caminho
Se depara com a esperança
de um grande atleta

Ele supera seus obstáculos
Do início ao fim
E tritura todas as pedras

Ele vence sempre
Olhando adiante
ele vai avante

Perfumado no suor
De homem trabalhador
As pedras no caminho
Faz ele virar doutor!

Ajudando a dar saltos
De um sábio jogador
Dificuldades não lhe intimidam
A vida lhe ensinou

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Pau, pedra, espinho e grade

Problema você vai ter?
Sim
Muito obstáculo?
Também
Pessoas impedindo de você resolver?
Anham
Você vai chorar?
Com certeza
Sorrir?
Sim
Você vai pedir ajuda?
Sim
Você vai conseguir ajuda?
Depende de quem você vai pedir
O aperto de mão é necessário?
Sim
Agora, se ele vai beneficiar você ou não…
só lá na frente você vai saber

Importante é que mesmo com pedras, paus, espinhos e grades /
sorrisos, choros, alegrias e tristezas
Você não pode desistir
Infelizmente, a vida é assim

Ficha do bloco 4: Persistência e Esperança na Adversidade

Descreva uma frase ou pequeno texto sobre a sua compreensão desse bloco.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

Faça uma imagem, desenho ou símbolo que expresse o bloco.

O que é persistência para você?

_____
_____
_____
_____
_____

O que é esperança para você?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Como esse bloco dialoga com a sua história?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Bloco 5: Faces da Identidade Feminina

Poemas: Eu-mulher (Evaristo, 2008, p. 23), A menina e a pipa-borboleta (Evaristo, 2008, p. 50) e Vergonhamento (Evaristo, 2008, p. 74).

Os três poemas exploram a complexidade da identidade feminina, abordando temas como fertilidade, infância e sexualidade, e como esses elementos interagem na experiência da mulher.

No primeiro poema, "Eu-Mulher", a mulher é retratada como uma força vital, um ser capaz de criar vida e prever o futuro. O poema destaca a conexão profunda entre a feminilidade, a maternidade e o poder de antecipar e moldar o que está por vir. A mulher é vista como o "abrigo da semente" do mundo, enfatizando seu papel central na continuidade da vida.

No segundo poema, "A Menina e a Pipa-Borboleta", a infância é representada como um período de vulnerabilidade e descoberta. A quebra da pipa da menina simboliza a perda da inocência e a transição para uma realidade mais cruel e complexa. O poema aborda a ideia de que a passagem da infância para a maturidade muitas vezes envolve dor e desilusão.

No terceiro poema, "Vergonhamento", a voz lírica explora a sensação de vergonha e constrangimento em relação à sexualidade e ao desejo. A mulher parece lutar contra uma parte de si mesma que experimenta prazer e desejo, mas que é reprimida e mantida oculta. O poema sugere um conflito interno entre a sociedade e a natureza humana.

Os três poemas abordam aspectos diferentes da experiência feminina, desde a capacidade de criar vida até a perda da inocência na infância e os conflitos internos em relação à sexualidade e seu corpo. Eles exploram a complexidade e a riqueza da identidade feminina em suas diversas faces.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Eu-mulher

A Força Feminina

Eu mulher
No tempo de sangrar

Transformações incríveis me acometem
Aguçam meus sentidos
O processo hormonal transborda
Por minha pele viçosa
Eu jovem, menina, mulher
Sendo preparada para produção de outras vidas
que passarão por mim e de mim

Emprestando meu templo a outro
Eternizando as lembranças dos que se foram
Os que são
E os que virão a existir!

Sangro mensalmente
E quando não
É porque um ser se apoderou de mim!

Eu, mulher
Sou alimento
Pra esse ser em crescimento

Eu mulher
Me vejo ninho
Eu mulher
Tenho força

Eu mulher e mãe
Sou assim.

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Eu-mulher

No apertar dos meios seios, uma gota de orvalho dança no meu corpo-preto.
Uma sombra vermelha faz da negritude d'minha pele: obra de arte... desejo gostoso.

Em sussurros suaves, acaricio os sentidos do mundo.
Pressinto.
Preparo.

Eu, mulher da essência.
Eu, mulher do desejo.
Eu, mulher desejada.
Eu, mulher.
Eu-mulher-preta.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: A menina e a pipa-borboleta

A Infância Despedaçada

Brincadeira de criança
Inocência e prazer
Rebolado da pipa no céu
Seu brinquedo de infância e lazer

Esse momento marcado na história
Dessa menina que agora chora
e na inocência da sua infância encantada
Se desencanta

Abandonada com sua dor
Essa menina gestou
E seu corpo arremeteu
E outra violência se deu

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: A menina e a pipa-borboleta

A menina brincava na rua, tranquila, próximo à casa.
Não tinha ninguém na rua, só ela, na sua inocência, tranquila.
Um homem apareceu e a segurou, agarrou... violentou.

Ela foi largada na calçada
Ensanguentada
E por mais que procurasse, ela não tinha ninguém para ajudá-la.

Ela lá, notou que sua inocência foi retirada de si e foi transformada em mulher...
fora do seu tempo.
Eu aqui, recordando a dor que assim também me feriu!

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Vergonhamento

Implosão

Os desejos estão amordaçados e reprimidos
Um alarme toca
Vez ou outra
Ele chega a se desenjaular

A voz embarga
Um vulcão é despertado
Dentro desse desejo indesejável
E consegue incendiar
Onde o fogo abrangido
Queima ainda mais

E o que é proibido
Num cercado contido
Implode e se desfaz

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Vergonhamento

Vergonha de sentir vergonha
Vergonha de ser mulher
Vergonha de gritar
Vergonha de desabafar
Vergonha de falar o que pensa
Vergonha do corpo
Vergonha do corpo nu
Vergonha de ser tocada
Vergonha de se tocar
Vergonha de amar e ser amada
Vergonha da vergonha de ter vergonha

Ficha do bloco 5: Faces da Identidade Feminina

Descreva uma frase ou pequeno texto sobre a sua compreensão desse bloco.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

Faça uma imagem, desenho ou símbolo que expresse o bloco.

Como a sua identidade tem sido construída?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

Como esse bloco dialoga com a sua história?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Bloco 6: Identidade, Mudança e Pertencimento

Poemas: Cremos (Evaristo, 2008, p. 63), Carolina na hora da estrela (Evaristo, 2008, p. 93) e Mineiridade (Evaristo, 2008, p. 98).

Os três poemas exploram temas relacionados à identidade, pertencimento e à sensação de mudança ou transformação.

No primeiro poema, "Cremos", a mensagem é de fé na mudança e na transformação. As muralhas que representam barreiras ou obstáculos estão prestes a desfazer-se como nuvens, simbolizando a possibilidade de superar desafios. A ideia é que, quando essa transformação ocorrer, os mais velhos sorrirão em paz, indicando a esperança de um futuro melhor. A autoria dessa nova história é compartilhada entre as gerações mais jovens e mais antigas, destacando a continuidade e a conexão entre passado e presente.

No segundo poema, "Carolina na hora da estrela", a narrativa descreve a vida difícil de pessoas enfrentando desafios do cotidiano. A hora da estrela pode ser vista como um momento de reflexão ou iluminação, e Carolina, mesmo nas circunstâncias adversas, é apresentada como alguém que busca a poesia na vida, sugerindo a capacidade humana de encontrar beleza e significado em meio à adversidade.

No terceiro poema, "Mineiridade", a voz lírica expressa um sentimento de nostalgia e pertencimento a Minas Gerais. A chegada de Minas traz consigo não apenas um "gosto de terra",

mas também uma sensação de saudade e estranhamento na cidade em que se encontra. O poema destaca como a cultura e a identidade de Minas Gerais permanecem profundamente enraizadas na pessoa, mesmo quando estão longe de sua terra natal.

Os três poemas exploram a conexão entre identidade, mudança e pertencimento, cada um abordando esses temas de maneira única e poética. Eles compartilham uma sensação de esperança, resiliência e busca de significado, mesmo em face das dificuldades e das transições da vida.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Cremos

Crença na trasnform(ação)

Cremos
As muralhas cairão
E seremos uma fusão

Cremos
Na igualdade das raças
Onde negro e o branco
Tenham o mesmo ideal

Cremos
na escritura divina
desde a fundação
o nosso Deus criador
deseja que sejamos irmãos
que entre nós haja paz
E jamais (nunca mais) mendiguemos o pão
E nossas mãos unidas
se some na mesma questão
Cremos

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Cremos

Quando não houver mais a separação de raça, de classes sociais e de religiões, a igualdade vai prevalecer para os menos favorecidos.
Creio nisso!

Salário digno, educação e moradia para o sustento de nossos familiares.
Da sobrevivência para a vivência.
Creio nisso!

Os nossos ancestrais irão sorrir de felicidade,
o milagre acontecerá.
Creio nisso!

Os futuros jovens irão ouvir e ler a história atual,
cremos que tudo vai acontecer nessa nova escritura milagrosa...
Creio nisso!

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Carolina na hora da estrela

Reflexão

A noite ela está a sonhar acordada
É quando tudo se acalma pra reflexão
Enquanto uns mascam chiclete
dando asas à imaginação
Outros preferem andar descalços
Escurece a visão

Na escolha da Cruz a carregar
No corpo um caminho a percorrer
Alguns buscam fardos pesados pra arrastar
E muitos colocam tudo a perder
Pela via que só busca o prazer

A noite tudo fica mais claro
E nessa magia mistério
Alguém está a meditar
Dando vida a poesia
Na mistura das letras

Antes que se abram as cortinas
Para o espetáculo começar
uma mulher se encontra dentro de si
E no brilho de sua estrela
No final da estrada percorrida
Ela se acha
No fim

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Carolina na hora da estrela

Contemplando as estrelas junto com a família, o que tem para eles comerem?
Nada! Um grande sentimento de tristeza.

Vera Eunice quer ganhar óculos escuros para exibir para as amigas.
José Carlos come chiclete.
João José passa por provações, sofrimentos e doenças.
Tudo ao mesmo tempo, no mesmo espaço, na mesma família.

E Carolina? De dia cata trabalho e de noite poesia.

Releitura de Ruth Baracho para o poema: Mineiridade

Cimento armado

Nessa cidade concreto
Onde até o cimento é armado
O asfalto esquenta tanto
Não temos terra pra pisar
Nem tem como andar descalço
sem ter os pés calejados

E a terra quando é molhada da chuva
Exala um aroma-abrigo
A espera da semente pra fecundar
Como útero de mãe a terra é
Sempre nos lançando pra vida mais e mais

Permanecemos no cordão umbilical
Presos ao útero-terra
Nessa ligação por onde somos nutridos
Até que ela nos recolha
E nos leve de volta ao seio-mãe-terra
Dela não tem como se desligar
Carregamos a terra em nós
Onde quer que se vá

Releitura de Marluce dos Santos para o poema: Mineiridade

Paz, tranquilidade, o bom dia da vizinhança, muro baixo (tem muro?), cafezinho da manhã, debruçada na janela, o balanço na rede, a prosa, dormir cedo, acordar com o canto dos pássaros.

O cheiro de terra, plantações e colheitas, leite, queijo, mel, saudades da cidadezinha do interior.

Aqui, muito tumulto, violência, cercado por prédios, muros, grades. É triste... leva um tempo pra aquecer o jeitinho mineiro.

Ficha do bloco 6: Identidade, Mudança e Pertencimento

Descreva uma frase ou pequeno texto sobre a sua compreensão desse bloco.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

Faça uma imagem, desenho ou símbolo que expresse o bloco.

Em quais locais você se sente pertencente? Por quê?

_____
_____
_____
_____
_____

Quais mudanças você gostaria de fazer na sua vida/história?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Como esse bloco dialoga com a sua história?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Ampliando horizontes na EJA: a importância dos temas abordados por Conceição Evaristo

Em tempos de reflexão e transformação, é fundamental reconhecer a importância de abordar temas como os explorados nos blocos 1 ao 6 deste livro na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A EJA desempenha um importante papel na promoção da igualdade e no empoderamento coletivo das pessoas que buscam o conhecimento e a compreensão de si mesmas e do mundo que as cerca. Nesse contexto, as propostas de Rodas de Conceição se destacam no sentido de impulsionar o diálogo, a reflexão e a transformação social.

A obra de Conceição Evaristo nos oferece uma jornada através de diferentes blocos temáticos, cada um explorando aspectos únicos da experiência humana. Desde as "Vozes da Resistência e Herança Cultural" até as "Faces da Identidade Feminina" e "Identidade, Mudança e Pertencimento", a riqueza e profundidade dos temas abordados são inegáveis.

Na EJA, a oportunidade de trabalhar esses blocos de temas é de imensa relevância. Através das palavras de Evaristo, os estudantes podem explorar as histórias de lutas, resiliência e herança cultural que forjaram nossa sociedade. Eles podem refletir sobre a memória e a luta afrodescendente, entendendo as complexidades de nossa história e os desafios que ainda enfrentamos.

Os blocos que tratam dos ciclos do tempo, da identidade

feminina, da persistência na adversidade e das múltiplas faces da identidade feminina fornecem uma base sólida para discussões profundas e significativas. Eles nos convidam a explorar o papel da mulher na sociedade, a passagem do tempo e a forma como a identidade se desenvolve e se transforma.

Conceição Evaristo nos deu um presente valioso em suas palavras. Agora é nosso dever alargar essas Rodas de diálogo e reflexão, para que possamos continuar a explorar, aprender e crescer juntos. A EJA é um lugar fundamental para iniciar essa jornada, mas seus efeitos podem e devem ser sentidos em todos os cantos de nossa sociedade.

Convidamos todos os envolvidos na EJA a alargar as Rodas de Conceição e a reverberar esses temas em espaços diversos. O conhecimento e a reflexão não se limitam às salas de aula; eles podem iluminar conversas em família, comunidades, locais de trabalho e em toda a sociedade. Ao trabalhar juntos para promover o diálogo e a compreensão, podemos construir um futuro mais inclusivo, equânime e compassivo para todas as pessoas.

Referência

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

Sobre os autores

Da esquerda para a direita:

Ruth Baracho: Mulher preta, periférica, poetisa. Filha de pais nordestinos. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Estudante do Curso de Ensino Médio Integrado na modalidade EJA do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias. Bolsista e Pesquisadora Júnior deste Projeto.

Eduardo Braga: Homem preto, periférico. Filho de mãe nordestina e pai fluminense. Morador da Baixada Fluminense/RJ. Professor da Educação Básica, com destaque para as ações de ensino, pesquisa e

extensão para a modalidade EJA, e do Ensino Superior do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campi Duque de Caxias e Nilópolis. Mestre em Matemática (UFRJ) e Doutor em Ensino de Ciências (IFRJ).

Fernanda Paixão: Mulher preta, periférica. Filha de nordestinos. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Professora da Educação Básica e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias. Pesquisadora do campo de estudos da EJA. Mestre em Educação (UFRRJ) e Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ).

Marluce dos Santos: Mulher preta, periférica, voz comunitária. Filha de mãe nordestina. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Estudante do Curso de Ensino Médio Integrado na modalidade EJA do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias. Bolsista e Pesquisadora Júnior deste Projeto.

"Versos da Memória e Diversos Movimentos" não apenas se revela como um recurso para educadores, mas também como um livro voltado diretamente para os estudantes da EJA. Ele promove uma abordagem para a compreensão da poesia, incentivando a participação ativa dos trabalhadores estudantes jovens e adultos na construção de significados e na expressão de suas próprias vozes criativas. Dessa forma, não apenas os professores, mas também os estudantes da EJA encontrarão nessa obra uma oportunidade de envolvimento com a poesia e a literatura. Enfim, esse livro 2 da coleção "Caminhos da Matemática na EJA" é um convite para novas escrevivências.

Reverenciamos Conceição Evaristo e o presente valioso que ela nos deu através de suas palavras. Agora é nosso dever alargar essas Rodas de diálogo e reflexão, para que possamos continuar a explorar, aprender e crescer juntos. A EJA é um lugar fundamental para iniciar essa jornada, mas seus efeitos podem e devem ser sentidos em todos os cantos de nossa sociedade.

ISBN 978-655397174-5
9 786553 971745

CNPq

INSTITUTO FEDERAL
Rio de Janeiro

NEABI
IFRJ | CDUC

Escrevivência